

“O papel do tipo de clítico na ordem proclítica ou enclítica no Português Clássico”

2º RELATÓRIO

Orientadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

Orientanda: Lucianne Chociay

Unicamp, 10 de janeiro de 2003.

1. Resumo

Este relatório apresenta os primeiros resultados do projeto de iniciação científica *“O papel do tipo de clítico na colocação proclítica ou enclítica no Português Clássico”* – processo FAPESP: 02/00390-9, vinculado ao projeto temático *“Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística”* – processo FAPESP: 98/03382-0; e é também referente ao pedido de renovação de bolsa para se analisar os dois ambientes de variação restantes: 1.) Sentenças precedidas por Orações – dentro do subgrupo Sentenças Matrizes e Coordenadas V2; 2.) Sentenças Coordenadas V1, ambas apresentando características específicas em relação aos demais ambientes analisados. Deste modo, exponho os resultados obtidos nos seguintes ambientes de variação: Sujeitos, Advérbios e Sintagmas Preposicionais. Nestes ambientes,

procurei verificar se o tipo de clítico influencia na colocação enclítica ou proclítica no Português Clássico.

2. Resumo das atividades

Durante este último semestre, trabalhei em três frentes:

1.] Busquei e organizei as sentenças com o clítico SE de André de Barros – Vida do Apostólico Padre António Vieira(1675), no mês de Setembro.

2.] Trabalhei, juntamente com a doutoranda Maria Clara Paixão de Sousa, na revisão e padronização de todos os dados do projeto temático, em Outubro.

3.] Quantifiquei e analisei os dados dos dezenove textos já classificados do projeto temático (<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/database/dados>), a partir de Novembro.

Os dados contendo o clítico SE de André de Barros foram buscados utilizando-se o novo programa de busca *getclitics.pl*, desenvolvido por Cristiane Namiuti[1] e por Miguel Galves (Engenharia de Computação – Unicamp). Através deste programa, buscam-se os dados com ocorrências de clíticos, multiplicam-se as sentenças em que ocorrem mais de um clítico, automaticamente. Basta digitar: *perl getclitics.pl nome do arquivo de entrada.txt nome do autor – no texto de Melo, por exemplo: perl getclitics.pl melo_tcc.txt mel* – que buscamos todos os dados contendo clíticos e, obtemos, seis arquivos de saída: 1.) autor-0Vcl; 2.) autor-0Vse; 3.) autor-Vcl; 4.) autor-Vse; 5.) autor-clV; 6.) autor-seV. Deste modo, temos todos os dados de clíticos – CL e SE – em sentenças V1 – verbo em primeira posição na oração (1;2), e em sentenças precedidas por algum elemento com ênclise (3;4) ou próclise (5;6).

Depois de buscados, os dados foram organizados em função da colocação e do contexto sintático seguindo a metodologia proposta em GALVES, BRITTO e PAIXÃO de SOUSA (2001). Os dados de todos os textos já classificados estão disponíveis na página do projeto temático (<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/database/manual>).

Para a nova disposição dos dados na página do projeto na internet, Maria Clara e eu trabalhamos na revisão destes dados e em uma nova padronização, em planilhas do Excel, visando a facilitar o seu manejo, não só pelos pesquisadores do projeto como também por qualquer usuário. Este trabalho durou todo o mês de Outubro, devido não só a quantidade de ocorrências – 2390 sentenças – mas aos últimos padrões na classificação: 1.) sentenças com advérbios como *logo* e *antes* foram retiradas por apresentarem próclise obrigatória; 2.) algumas sentenças com a conjunção *pois* foram retiradas, juntando-as a outras conjunções explicativas como *que* e *porque*, classificadas mas não contadas, devido à dificuldade em se diferenciar a conjunção explicativa da subordinativa no Português Clássico; 3.) mudamos a classificação do subgrupo *Outros*, agora *Sintagmas Fronteados*, em que aparecem topicalizações e focalizações; alguns tópicos são PPs e saíram do arquivo dos PPs para o de sintagmas fronteados; as focalizações (NPs ou sintagmas focalizados por um marcador "afetivo") também tem uma melhor classificação na classe dos fronteados; ambas apresentam

variação na colocação pronominal.

Por fim, quantifiquei os dados dos dezenove textos já classificados conforme o tipo de clítico em Sujeitos, Advérbios e Sintagmas Preposicionais. Deste modo, diante de cada sentença aparece o tipo de clítico utilizado (ver <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/database/dados>). A análise da quantificação será vista no último item deste relatório.

3. A colocação pronominal átona: uma questão antiga

A questão da colocação pronominal é discutida há pelo menos um século e meio. José Veríssimo, em um artigo publicado no Jornal do Comércio no Rio de Janeiro em 30 de dezembro de 1907, refutando a proposta do gramático paraense Paulino de Brito de 1908, este que diz que a questão da colocação dos pronomes é debatida há vinte anos, mostra que a questão é mais antiga, sendo discutida em Portugal já na metade do século 19: "*Para o Sr. Paulino de Brito foi só em 1891 – há portanto quinze anos e não vinte, emenda-me ele – que se começou a discutir a colocação dos pronomes. A glória de haver levantado esta lebre, segundo o frasear cinegético do dramaturgo (a expressão é sua) paraense, cabe ao Sr. Cândido de Figueiredo, que o fez nas suas Lições Práticas da Língua Portuguesa. Que não é assim acabo de mostrar. Mesmo em Portugal, um gramático do Funchal, na Madeira, em livro publicado em Lisboa, em 1850, discutia a questão e dava regras para a colocação dos pronomes (...)*" (FIGUEIREDO, 1944, Apêndice, p392). Vários autores, através de suas teorias e explicações, tentam resolver a questão da colocação enclítica ou proclítica da língua portuguesa, em Portugal e no Brasil, desde então.

O filólogo Cândido de Figueiredo em *O Problema da Colocação de Pronomes*[2] propõe que certos elementos – adjetivos; preposições negativas; advérbios; conjunções; predicado composto; preposições; pronomes entre si - *atraem* o pronome átono ocasionando a próclise: "*Há vocábulos e locuções, que têm alguma coisa de privilégio e que por sua natureza (grifo do autor), como diriam velhos retores, atraem os pronomes pessoais atônicos*" (FIGUEIREDO, 1944, p369). Deste modo, sem a presença de algum desses vocábulos, a ordem natural da língua portuguesa é enclítica: "*Sempre que não ocorram determinados vocábulos, locuções ou frases, que atraem ou arrastam consigo, para antes ou depois do verbo, os pronomes pessoais objetivos e terminativos, estes pronomes são naturalmente enclíticos: a mãe deu-LHE um beijo; os pais sacrificam-SE pelos filhos; achei-ME só no mundo*" (IDEM, p271). O ilustre filólogo apresenta a sua proposta dizendo que o único meio de solucionar a questão da colocação dos pronomes é: "*Portanto, o processo definitivo, e talvez o único, para a solução do problema, está na exibição e apreciação de fatos regulares e irregulares da língua portuguesa*" (IDEM, p133). Cândido de Figueiredo, muito reconhecido, em Portugal e no Brasil, na época, justifica sua teoria da *atração* através da eufonia e a exemplifica em textos de autores brasileiros – Rui Barbosa, João Ribeiro, José de Alencar – e portugueses – Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco e Padre António Vieira.

Já em terras brasileiras, em 1908, o paraense Paulino de Brito é um dos gramáticos do início do século 20 que discordam da teoria da *gravitação universal* – como este a nomeia. Em *Brasileirismos de Colocação dos Pronomes – Resposta ao Snr. Cândido de Figueiredo*, série de artigos publicados no Jornal do Comércio em 1908 e reunidos em um livro no mesmo ano, o professor paraense apresenta a questão sem a noção de *erro*, contrariamente à hipótese de que a ordem natural da língua portuguesa é enclítica, como propõe Cândido de Figueiredo, dizendo que brasileiros e portugueses apenas colocam os clíticos de maneiras diferentes: "*Há modos de dizer que devem ser preferidos a outros, sem que estes outros, entretanto, se possam considerar incorretos*" (BRITO, 1908, p17).

Um exemplo interessante de Paulino de Brito é o do *brasileirismo* de colocação de pronomes em que é possível pôr o clítico em primeira posição absoluta na frase (*Me parece, Me diz etc*). Na frase "*Todos nós desejamos que Deus te proteja*", se retirarmos, primeiro, o sujeito [Todos nós], a frase é perfeita segundo a colocação proclítica: *Desejamos que Deus te proteja*. Em seguida, retirando-se o verbo da principal [desejamos], continua correta: *Que Deus te proteja*. Ao se retirar a conjunção subordinativa [que], ainda é correta: *Deus te proteja*. Entretanto, quando o sujeito da oração subordinada é retirado ou posposto ao verbo, a frase está incorreta: *Te proteja (Deus)*. A sentença correta seria "*Proteja-te Deus*". Para ele não se trata apenas de soar melhor mas "*o fato é de natureza fonética, porém não de pura eufonia, visto como se ia prender, em sua origem às de transformação lingüística, que, deram existência aos modernos idiomas românicos*" (BRITO, p21). Neste caso específico, de sentenças V1, o uso da próclise e, não, do correto, a ênclise, seria possível pois "*é uma liberdade filha da construção latina, e tanto o é, que se observa em todas as línguas românicas, com exceção do português da Europa*" (IDEM, p31).

A importância de Paulino de Brito é, por mim, ressaltada, pois, assenta-se sobre as diferenças na colocação pronominais, entre portugueses e brasileiros. Já o sr. José Veríssimo, em tendência oposta, no mesmo artigo do Jornal do Comércio citado, emite a sua opinião sobre este ponto: "*O sr. Paulino de Brito chega, ao cabo, às mesmas conclusões de todos os gramáticos brasileiros e não justifica, ao contrário do que anunciara, aquelas colocações que esses gramáticos chamam erradas. De mim creio que, não obstante as excelentes razões e argumentos do Sr. Said Ali, que, aliás, devem ser recebidas em termos, e agora do gramático paraense, não há motivo para cedermos sem relutância às imposições da **nossa viciosa pronúncia**(grifo meu), a qual nos leva a uma ordem pronominal, sob o aspecto da nossa tradição clássica, **defeituosa**(grifo meu)" (FIGUEIREDO, apênd. p393). A singular colocação dos pronomes clíticos dos brasileiros era vista na época como erro crasso, vistas opiniões como a de José Veríssimo, esquecendo-se de que o Português Europeu e o Português Brasileiro são línguas diferentes, com ritmo e prosódias diferentes e, deste modo, apresentam colocações pronominais átonas distintas.*

Um outro texto interessante sobre o debate sobre a colocação dos pronomes é o de Silveira Bueno. Em um artigo de 1938, passados trinta anos dos primeiros embates entre

portugueses e brasileiros, apresenta um outro aspecto da questão: a psicologia. Diz, Silveira Bueno: *"Entre os mistérios gramaticais em que se debate o brasileiro, nenhum há que supere o famoso caso da colocação pronominal. O brasileiro é inteligente, entende de tudo, sabe tanto quanto os povos mais adiantados, mas não consegue colocar os pronomes oblíquos à moda portuguesa. Por que será isto? Parece-nos que todo este mistério se assenta em fundamentos psicológicos. Aqui é que está a chave da dificuldade: já não somos o mesmo povo, não temos a mesma alma, não pensamos do mesmo jeito e como a linguagem é a expressão dos nossos pensamentos, da nossa alma, claro está que esta sendo diferente, será também diferente a expressão dela, a linguagem. (...) Portanto, sendo a colocação pronominal uma das formas de expressão do povo português, é muito natural que essa colocação pronominal não nos convenha a nós que necessitamos de outra expressão para pensamentos que são também outros"* (SILVEIRA BUENO, 1938, p30). Assim como Paulino de Brito, porém, sob outro aspecto – o da psicologia do povo brasileiro, o que faz Silveira Bueno é defender a diferente colocação dos clíticos entre portugueses e brasileiros. Deste modo, *"Daqui vem que não sabemos colocar os pronomes segundo as leis de Portugal, colocando-os de acordo com as leis do nosso modo de expressar-nos"* (IDEM, p30). Em seguida, apresenta um exemplo da nítida diferença entre a colocação do clítico antes – no Brasil – e depois – em Portugal – nos imperativos. Em Portugal diz-se: *"Anda, levanta-te e segue-me!"*, e, justifica, *"Esta regra está de perfeito acordo com a psicologia do povo português que é mais autoritário, mais enérgico, no trato do que o nosso"*(IDEM, p31). Já, nós brasileiros, *"não sabemos mandar, mais afáveis porque ainda quando poderíamos mandar, costumamos pedir. Em casa, por exemplo, com os empregados e servidores, quando lhe deveríamos dar ordens e dizer-lhes: faça isto, traze aquilo – preferimos o subjuntivo, envolvendo a ordem num pedido: Faça-me isto, traga-me aquilo. Não sabemos usar o imperativo, não sendo do nosso feitio dar ordens"*(IDEM, idem). É claro que existem na questão componentes psicológicos, porém, é muito forte dizer que portugueses são autoritários e brasileiros submissos. Trata-se da presença de um componente afetivo, que, no Brasil, é marcado. Para Silveira Bueno, assim como em Cândido de Figueiredo, há também a influência da eufonia.

4. A variação próclise versus ênclise: o debate atual

O Português Europeu, diferentemente das outras línguas românicas, que nasceram enclíticas e passaram a proclíticas e ainda o são, evoluiu de um modo muito particular quanto à colocação de clíticos.

MARTINS (1994), ao analisar documentos notariais do século 13 ao 16, mostra que o PE desde o século 13 até hoje possui alguns ambientes que apresentam próclise ou ênclise categórica:

1. Próclise Categórica:

1.1 Sentenças que possuem um elemento de negação:

(a) e nõ lhy fazer o Moesteiro pela carreira mais dano do que lhy ante f[azia] (NO,

1308)

(b) e quer~edo que na posa n~e lhes seja a ello recebdo n~eh~ua auçõ (NO, 1514)

1.2 Presença de alguns quantificadores (todos, alguns, etc.) e certos advérbios (bem, mal, já, sempre, também, ainda[3]) em posição pré-verbal:

(a) et inda nos daredes cada ano por heyradgo II quarteiros de pan (Lorenzo 1977. s. v. aynda)

(b) já os quis Deos de morte guarecer (Ogando 1980: 256)

1.3 Sentenças com focalização:

(a) Dalg~uas cousas me calarei (Mattos e Silva 1989: 845)

1.4 Sentenças subordinadas introduzidas por conjunções como se, quando, como, etc;

(a) porquanto ffuj certo (...) que o dito prazo he fecto em proueito do dicto Mosteiro ho Confirno e mando que sse conpra (NO, 1499)

2. Ênclise obrigatória:

1. Sentenças do tipo V1, com o verbo em posição inicial:

(a) damusli ainda puder de compuer se uir mister e dapelar e de fazer outru procuradur (NO, 1273)

(b) emprazaram lhe h~ua casas que elles ham na dita cidade (Lx, 1460)

2. Sentenças com topicalização, com a deslocação à esquerda do clítico, sem a presença de nenhum elemento, descritos anteriormente, que condicione a próclise:

(a) e a qu~e uossa uoz derdes peytelhy quinhentos soldos (NO, 1290)

(b) E todo o Al que meu ffor vendãno e d~eno por mha alma (Lx, 1355)

(c) E todo aquelo que hj for desspeso eyo eu por firme (Lx, 1383)

Todos os outros contextos apresentam variação na colocação de clíticos.

No trabalho "*A colocação dos pronomes clíticos no teatro de Gil Vicente - Um estudo sobre os personagens*" [4] estudei a colocação dos clíticos em cinco autos de Gil Vicente (±1465–1536?/1540?) procurando descrever de que maneira personagens populares e personagens cultos se diferenciam quanto à colocação de clíticos. Neste trabalho observou-se que personagens cultos apresentavam 72% de próclise enquanto os populares apresentaram 56% em sentenças matrizes (cultos: 45(próclises)-17(ênclises); populares: 23-18). Esta diferença acentua-se quando o elemento precedente é o sujeito: Em cultos temos 7(0,20) ênclises em 35 casos com sujeitos; em populares temos 10(0,59) em 24 casos. Mesmo sendo poucos os dados, o número maior de ênclises em personagens populares mostra que, estes personagens, podem conservar ainda traços arcaizantes e, deste modo, na hora de colocarem os clíticos mantêm a ênclise nestes ambientes, que era mais geral no início do Português Arcaico. Esta monografia representa meu primeiro trabalho sobre a questão da colocação dos pronomes clíticos do Português e utiliza a mesma metodologia de classificação de dados do

Corpus Tycho Brahe proposta para o projeto temático .

O dados desta pesquisa de iniciação científica correspondem aos dezenove textos já organizados para o projeto temático *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística*, que são classificados seguindo a metodologia proposta em GALVES, BRITTO e PAIXÃO de SOUSA (2001). Deste modo, são propostos os seguintes ambientes de variação:

1. Sentenças V2 matriz e coordenadas em que certos elementos precedem o verbo:

1.1 Sujeito:

1. Deus/NPR julga-nos/VB-P+CL a/P nós/PRO por/P nós/PRO ;/. os/D-P homens/N-P julgam-nos/VB-P+CL a/P nós/PRO por/P si/PRO ./ (VIEIRA-S)
2. A/D-F vaidade/N nos/CL faz/VB-P crer/VB felices/ADJ-G-P à/P+D-F proporção/N ,/, que/C ouvimos/VB-P esta/D-F ,/, ou/CONJ aquela/D-F voz/N ,/, e/CONJ que/C vemos/VB-P este/D ,/, ou/CONJ <P_34> aquele/D culto/N :/. a/D-F vida/N civil/ADJ-G **se/SE** reduz/VB-P a/P um/D-UM ceremonial/N composto/VB-AN de/P genuflexões/N-P ,/, e/CONJ de/P palavras/N-P ./ (AIRES)
3. [suj-clV-ber] [ME] Ponho/VB-P em/P balanças/N-P o/D mal/N que/WPRO padeço/VB-P com/P o/D bem/N que/WPRO espero/VB-P :/. o/D mal/N me/CL toca/VB-P no/P+D sentido/N ,/, o/D bem/N toco/VB-P eu/PRO com/P a/D-F fé/N ;/. porém/CONJ muito/Q mais/ADV-R é/SR-P o/D que/WPRO creio/VB-P que/C o/D que/WPRO sinto/VB-P ./ (BERNARDES)

1.2 Advérbio:

1. para/P que/C gozando/VB-G dos/P+D-P privilegios/N-P de/P izentos/ADJ-P ,/, se/CONJS não/NEG extinguisse/VB-SD o/D nome/N Castelhana/NPR ,/, antes/ADV se/SE aumentasse/VB-SD entre/P nós/PRO ,/, e/CONJ fosse/SR-SD mais/ADV-R estimado/VB-AN ,/, e/CONJ apetecido/VB-AN ./ (M. DA COSTA)
2. Sobre/P aquilo/DEM do/P+D convento/N ,/, cedo/ADV nos/CL veremos/VB-R e/CONJ então/ADV falaremos/VB-R ./ (CHAGAS)
3. Finalmente/ADV ,/, promete-me/VB-P+CL que/C as/D-F-P minhas/PRO\$-F-P cartas/N-P não/NEG sairão/VB-R da/P+D-F sua/PRO\$-F mão/N ,/, ao/P+D menos/ADV-R em/P meu/PRO\$ nome/N ./ (GARÇÃO)

1.3 Sintagma Preposicional:

1. Entre/P tantos/ADJ-R-P que/WPRO se/SE aplicam/VB-P ao/P+D estudo/N da/P+D-F língua/N latina/ADJ-F ,/, mostre-me/VB-SP+CL Vossa/PRO\$-F Paternidade/NPR quantos/WD-P são/SR-P capazes/ADJ-G-P de/P se/SE apontarem/VB-F como/CONJS exemplo/N de/P boa/ADJ-F Latinidade/NPR ./ (VERNEY)

2. Com/P dinheiro/N ,/, **susta-se/VB-P+SE** o/D poder/N dos/P+D-P maus/ADJ-P e/CONJ facilitam-se/VB-P+SE os/D-P meios/N-P de/P fazer/VB bem/N :/. sem/P êle/PRO nada/Q prospera/VB-P ./. (ALORNA)

3. [PP-clV-bro] [LHE] Para/P tudo/Q o/D que/WPRO se/SE oferecer/VB-SR do/P+D serviço/N de/P Vossa/PRO\$-F Senhoria/NPR S.a **lhe/CL** dedico/VB-P toda/Q-F a/D-F minha/PRO\$-F obediência/N ./. (BROCHADO)

4. [PP-Vcl-bar][LHE] [Entre/P estas/D-F-P fadigas/N-P da/P+D-F Corte/NPR] **[levava-lhe/VB-D+CL]** toda/Q-F a/D-F alma/N o/D aumento/N da/P+D-F Missão/NPR ./. (A. BARROS)

1.4 Sentenças:

1. Se/CONJS Vossa/PRO\$-F Mercê/NPR lá/ADV se/SE alivia/VB-P ,/, **deixe-se/VB-SP+SE** estar/ET :/. que/CONJ não/NEG há/HV-P terra/N mais/ADV-R nossa/PRO\$-F ,/, que/CONJS aonde/P+WADV melhor/ADV-R nos/CL vai/VB-P ./. (MELO)

2. [or-Vcl-ber] [SE] Se/CONJS nos/CL dói/VB-P o/D peito/N ,/, **búscase/VB-P+CL** logo/ADV médico/N perito/ADJ ;/. se/CONJS mais/ADV-R dentro/ADV do/P+D peito/N nos/CL dói/VB-P a/D-F consciência/N ,/, ou/CONJ não/NEG se/SE busca/VB-P o/D confessor/N ou/CONJ ,/, se/CONJS se/SE busca/VB-P ,/, é/SR-P tarde/ADV e/CONJ o/D que/WPRO menos/ADV-R bem/ADV faça/VB-SP o/D seu/PRO\$ ofício/N ./. (BERNARDES)

3. [CONJ-or-clV-bro] [ME] O/D Senhor/NPR Marquês/NPR Embaixador/NPR me/CL animou/VB-D a/P pedir/VB a/D-F Enviatura/NPR de/P Roma/NPR ,/, e/CONJ ,/, se/CONJS eu/PRO me/CL achara/VB-RA com/P talento/N de/P merecer/VB o/D favor/N de/P Vossa/PRO\$-F Excelência/NPR V. Ex.a ,/, **me/CL** fôra/SR-RA mais/ADV-R nobre/ADJ-G a/D-F pretensão/N que/C o/D despacho/N ,/, sendo/SR-G que/C já/ADV me/CL pudera/VB-RA envergonhar/VB de/P aparecer/VB sempre/ADV diante/ADV de/P Vossa/PRO\$-F Excelência/NPR V. Ex.a com/P uma/D-UM-F petição/N nas/P+D-F-P mãos/N-P ./. (BROCHADO)

1.5 Sintagmas Fronteados:

1. O/D número/N de/P apaixonadas/VB-AN-F-P que/WPRO eu/PRO tinha/TR-D nesse/P+D tempo/N no/P+D Paço/NPR ,/, sim/ADV ,/, **me/CL podia/VB-D** mostrar/VB que/C esta/D-F indiferença/N da/P+D-F Rainha/NPR era/SR-D uma/D-UM-F daquelas/P+D-F-P aparências/N-P que/WPRO a/D-F política/N <P_60> da/P+D-F nossa/PRO\$-F Corte/NPR julga/VB-P essencial/ADJ-G à/P+D-F sua/PRO\$-F dignidade/N ;/. mas/CONJ eu/PRO estava/ET-D muito/Q desconsolada/VB-AN-F para/P poder/VB agourar/VB da/P+D-F resposta/N da/P+D-F Rainha/NPR alguma/Q-F cousa/N favorável/ADJ-G ./. (ALORNA)

2. [top-clV-ber] [LHAS] Assim/ADV em/P São/NPR Guilherme/NPR ,/, duque/NPR de/P Aquitânia/NPR ,/, as/D-F-P grandes/ADJ-G-P forças/N-P e/CONJ braveza/N de/P ânimo/N que/WPRO tinha/TR-D para/P insultos/N-P **lhas/CL+CL** deixou/VB-D para/P extraordinárias/ADJ-F-P penitências/N-P ./.

 (BERNARDES)

3. [X-clV-lob] [ME] -/(Necessária/ADJ-F **me/CL** era/SR-D (/ (disse/VB-D êle/PRO)/ (grande/ADJ-G confiança/N para/P vencer/VB os/D-P que/WPRO tenho/TR-P ,/, sem/P me/CL crescerem/VB-F outros/OUTRO-P de/P novo/ADJ :/. porque/CONJ ,/, se/CONJS antes/ADV de/P ouvir/VB a/P Feliciano/NPR tomara/VB-RA esta/D-F empresa/N ,/, tivera/TR-RA um/D-UM atrevimento/N menos/ADV-R culpável/ADJ-G ,/, mas/CONJ agora/ADV será/SR-R despejo/N a/D-F minha/PRO\$-F ousadia/N ./.

 (LOBO)

1.6 Conjunções e, mas, porém:

1. Nem/CONJ-NEG a/D-F Ley/NPR Divina/ADJ-F quer/VB-P outra/ADJ-F couza/N ;/ antes/ADV lhe/CL aborrecem/VB-P tanto/ADV-R ladroens/N-P ,/, que/CONJS do/P+D Ceo/NPR ,/, do/P+D Paraiso/NPR e/CONJ do/P+D Apostolado/NPR os/CL desterrou/VB-D ;/ e/CONJ a/P este/D ultimo/ADJ desterro/N se/SE acrescentou/VB-D forza/N :/. e/CONJ **notese/VB-SP+SE** que/C a/CL tomou/VB-D o/D réo/N por/P sua/PRO\$-F maõ/N ,/, sem/P intervir/VB nisso/P+DEM sentença/N de/P justiça/N ,/, para/P nos/CL advertir/VB o/D castigo/N ,/, que/WPRO merecem/VB-P ladroens/N-P ,/, e/CONJ como/CONJS não/NEG devem/VB-P ser/SR admittidos/VB-AN-P ,/, nem/CONJ-NEG-NEG tolerados/VB-AN-P nas/P+D-F-P Republicas/NPR-P ./.

 (M. DA COSTA)

2. < -/(Da/P+D-F marcha/N da/P+D-F civilização/N :/. e/CONJ **mostra-se/VB-P+SE** como/CONJS*/WADV ela/PRO é/SR-P dirigida/VB-AN-F pelo/P+D cavaleiro/N da/P+D-F Mancha/NPR Dom/NPR Quixote/ADJ-G*/NPR ,/, e/CONJ por/P seu/PRO\$ escudeiro/N Sancho/NPR Pança/ADJ-F*/NPR ./.

 (GARRETT)

É nestes ambientes de variação que vemos duas grandes mudanças se processando ao longo do tempo.

Em MARTINS (1994) observamos que nos ambientes de variação o PE é predominantemente enclítico no século 13 (93,3%) e torna-se altamente proclítico no século 15 (84,4%).

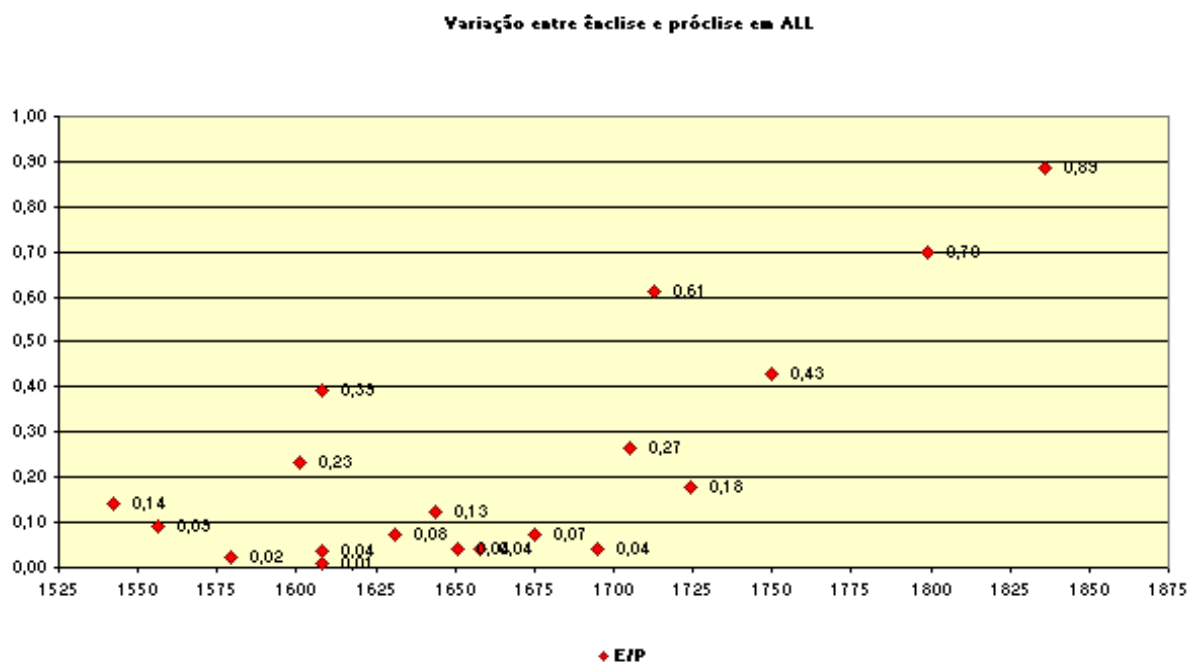
Já nos séculos 17 e 18, MARTINS (1994), TORRES MORAES (1995) e GALVES, BRITTO e PAIXÃO de SOUSA (2001), mostram que se dá uma nova mudança no sentido da predominância da ênclise que se torna obrigatória na segunda metade do século 19.

O presente trabalho relaciona-se com o tema na medida em que a partir de um conjunto de textos selecionados do *Corpus Tycho Brahe*, procura-se estabelecer qual o peso da forma dos clíticos nesta mudança na colocação do clítico do Português, diacrônica e sincronicamente. Pretendemos verificar se a ordem proclítica ou enclítica é influenciada pela natureza do clítico.

O efeito do tipo de clítico na colocação já foi apontado na literatura. GALVES (2001, cap.7) comparando dados do português europeu e do português brasileiro moderno mostrou que no português brasileiro, os pronomes *se* e *o/a* com infinitivo favorecem a ênclise. GALVES, BRITTO e paixão de SOUSA (2001) também notam que as construções impessoais com *se* favorecem a ênclise em certos autores do século 17. Pretendemos agora verificar de maneira mais sistemática no *Corpus Tycho Brahe* em que medida o tipo de clítico é importante para a colocação do pronome antes ou depois do verbo, e se isso muda ao longo do tempo.

5. Os primeiros resultados

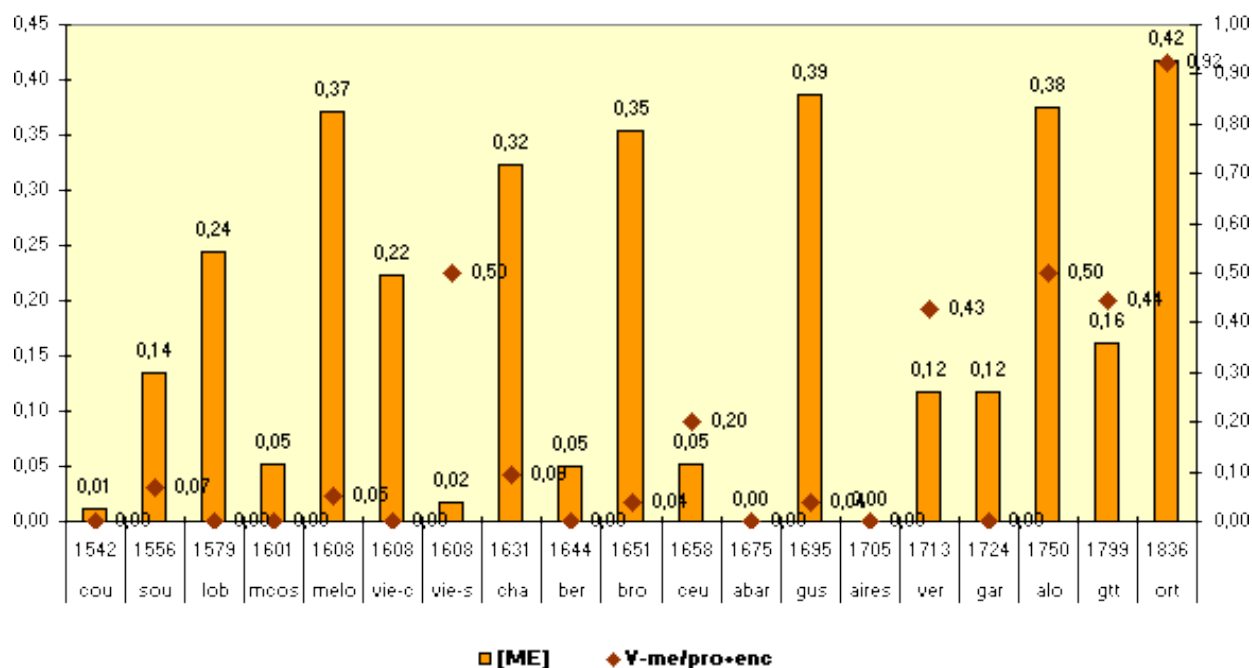
Neste primeiro gráfico, que mostra a evolução da ênclise ao longo do Português Clássico no *Corpus Tycho Brahe*, observamos que a partir do final do século 17 ocorre um aumento da ênclise que se segue até o século 19, período em que já se estabelece a ordem enclítica da língua, o atual Português Europeu Moderno.



A partir deste resultado, veremos, a seguir, qual o papel de cada clítico na mudança para a ordem enclítica no Português Clássico. Primeiro veremos como cada clítico isolado se comporta nesse período e, em seguida, agruparemos os clíticos entre Outros (me+te+lhe(s) +nos+vos), fortes; O/A(s), fraco fonologicamente e o SE.

O clítico ME:

Clítico ME: uso no total e percentual de ênclises em Me



Este gráfico apresenta o percentual de uso do clítico Me sobre o total de dados por autor (valores vinculados ao eixo esquerdo) em comparação com o percentual de ênclises dentro do total de Me (valores vinculados ao eixo direito).

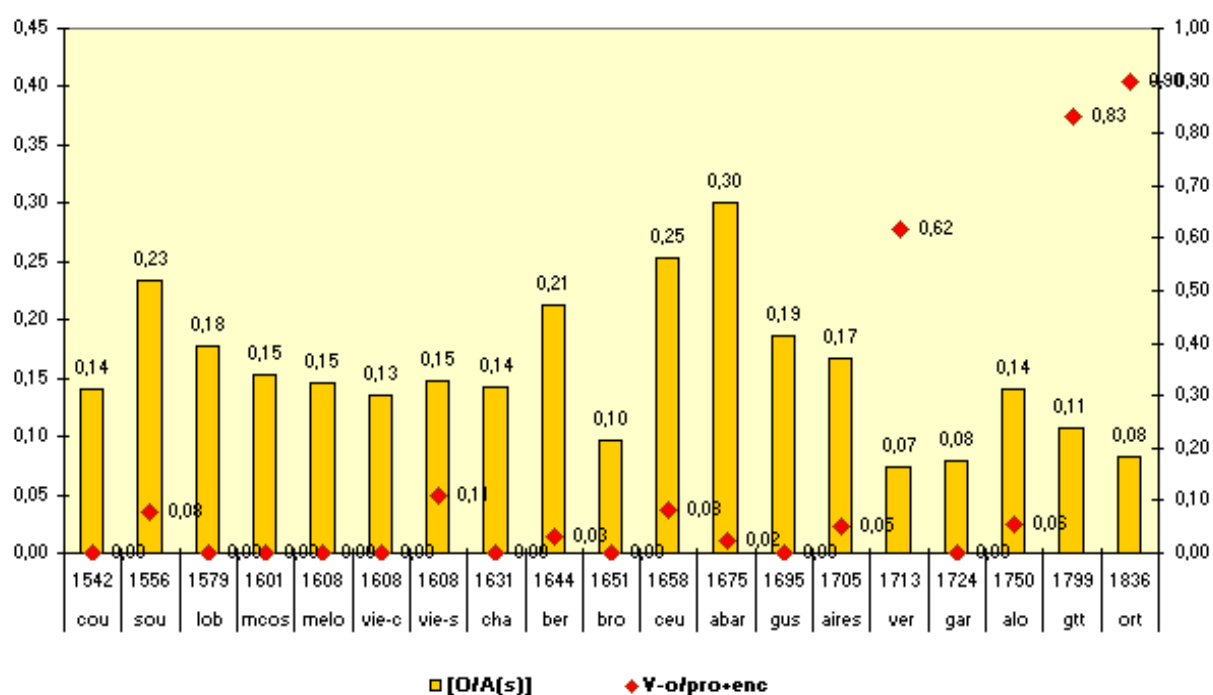
Em primeiro lugar devemos excluir da análise sobre o ME em André de Barros e Aires porque ambos não apresentam nenhum dado com o clítico ME. Observamos também um uso superior de ME em Melo, Chagas, Brochado, Gusmão, Alorna e Ortigão, devido a serem cartas. Neste gênero discursivo, admite-se um alto uso desse clítico. Nos demais autores, o uso de ME restringe-se a faixa dos 15%. Feitas as ressalvas de ordem discursiva, observamos que, sintaticamente, o ME aparece quase sempre em próclise, vista a taxa de ênclises de ME ficar abaixo de 0,07, até 1724, com exceção de Verney, que com a maioria dos clíticos, inclusive o ME, é altamente ênclítico. Notamos, por outro lado, que os Sermões de Vieira apresenta metade de ênclises com ME, entretanto, o uso deste clítico neste autor é baixíssimo(0,02). Em Céu, isso também ocorre. Deste modo, o clítico ME deixa de ser usado em próclise e passa a ênclise somente a partir de 1750, com Alorna, que de 38% de ME-s a metade é ênclítica. Esse aumento também é visto nos dois autores seguintes: Garrett tem pouco uso de ME(16%), mas, 0,44 de ênclise; e Ortigão com 42% de ME-s sendo 0,92 em ênclise.

O clítico TE:

Este clítico é o menos usado. De 22 casos em 2390 sentenças, 2 estão em ênclise. Deste modo, o clítico TE, é quase sempre, proclítico ao verbo.

O clítico O/A:

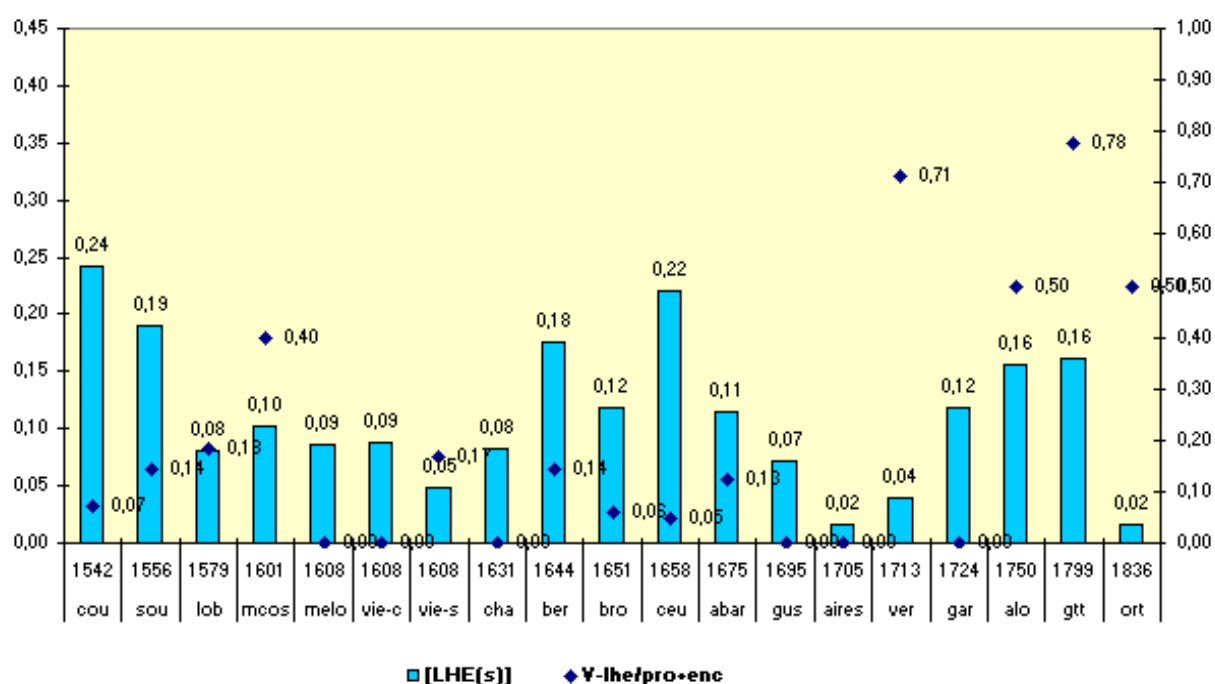
Clítico O/A: uso de O/A no total x percentual de ênclises com O/A



O clítico acusativo O/A apresenta um uso oscilando entre 0,10 e 0,30 até 1705, em que tende a cair, chegando a 0,08 em Ortigão-1836. Observamos que, com exceção novamente de Verney, que é muito enclítico, até 1750 o O/A aparece sintaticamente quase sempre em próclise. Couto, Lobo, Manuel da Costa, Melo, Vieira-Cartas, Chagas, Brochado, Gusmão e Garção só apresentam próclise com O/A. Somente em Garrett, 1799, é que, instituída a nova gramática do Português Moderno, a ênclise atinge o O/A. Garrett e Ortigão já apresentam maioria de ênclise com este clítico(0,83 e 0,92). Notamos que o uso do clítico O/A diminui a partir de 1705, porém, diferentemente da época anterior, ele passa a ser colocado em ênclise. Deste modo, somente no início do século 19, com a mudança da gramática, esta atinge também a este clítico. Temos um salto brusco de 0,06 de ênclise em Alorna para 0,83 em Garrett.

O clítico LHE:

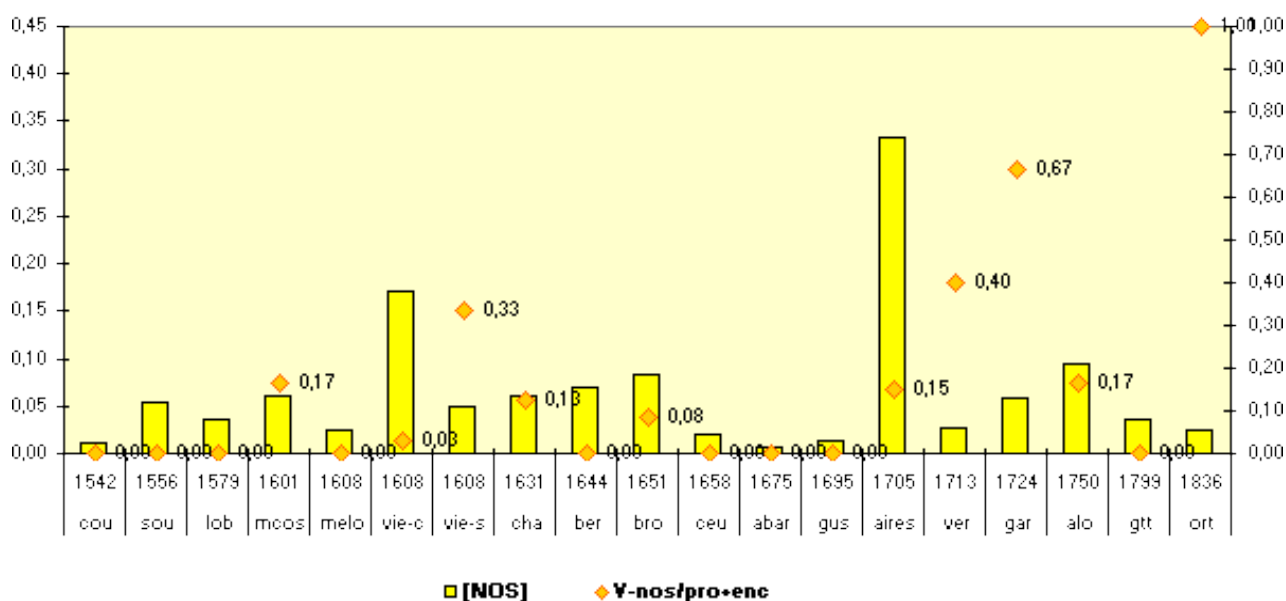
Clítico LHE: proporção de uso e ênclise dentro de total de LHE



O clítico LHE é o quarto mais usado, no geral. Observamos que geralmente está em próclise, com exceção de Verney-1713, que possui poucos Lhes mas 0,71 em ênclise. O LHE, assim como o ME, passa a ser usado, a grande maioria, em ênclise, somente a partir de 1750, em que de zero passa a 50%.

O clítico NOS:

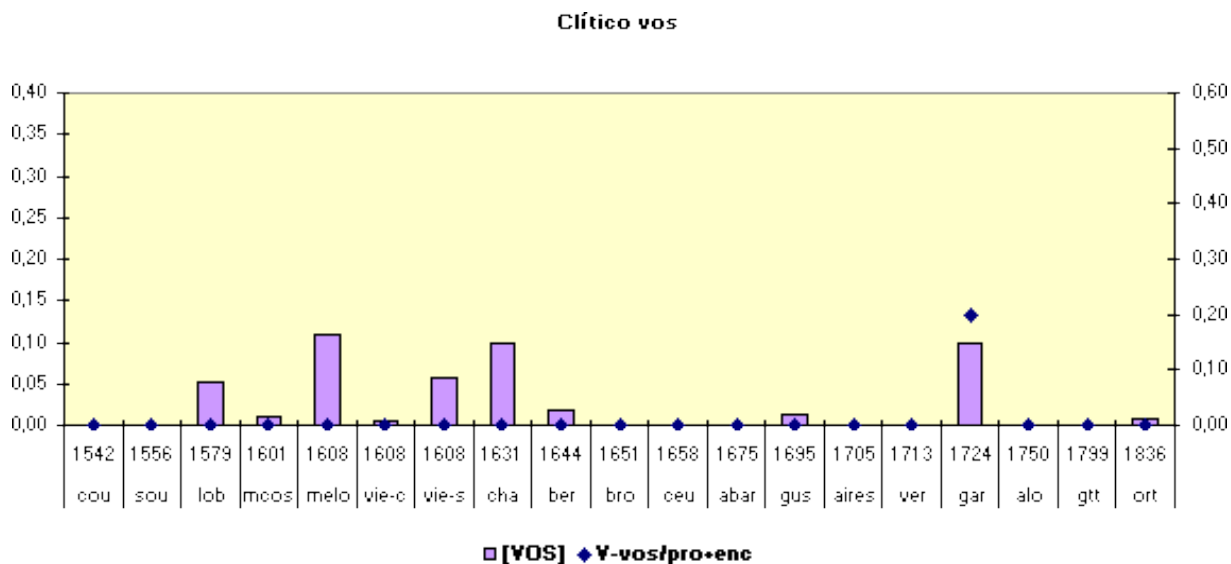
Clítico NOS: uso no total de dados x ênclises dentro desse uso



O clítico NOS é, em geral menos usado, com exceção de Vieira-C e Aires. Em Vieira-C, o NOS aparece quase 100% em próclise; em Aires, sendo o uso de NOS correspondente a 33%

do total de todos os clíticos, é o autor que mais apresenta esse clítico, apenas 0,15 deles estão em ênclise. Entretanto, a partir de 1705, aumenta o percentual de ênclise com NOS nos dois autores seguintes, diminuindo em Alorna (0,17), chegando a zero em Garrett e volta a subir em Ortigão (1,00).

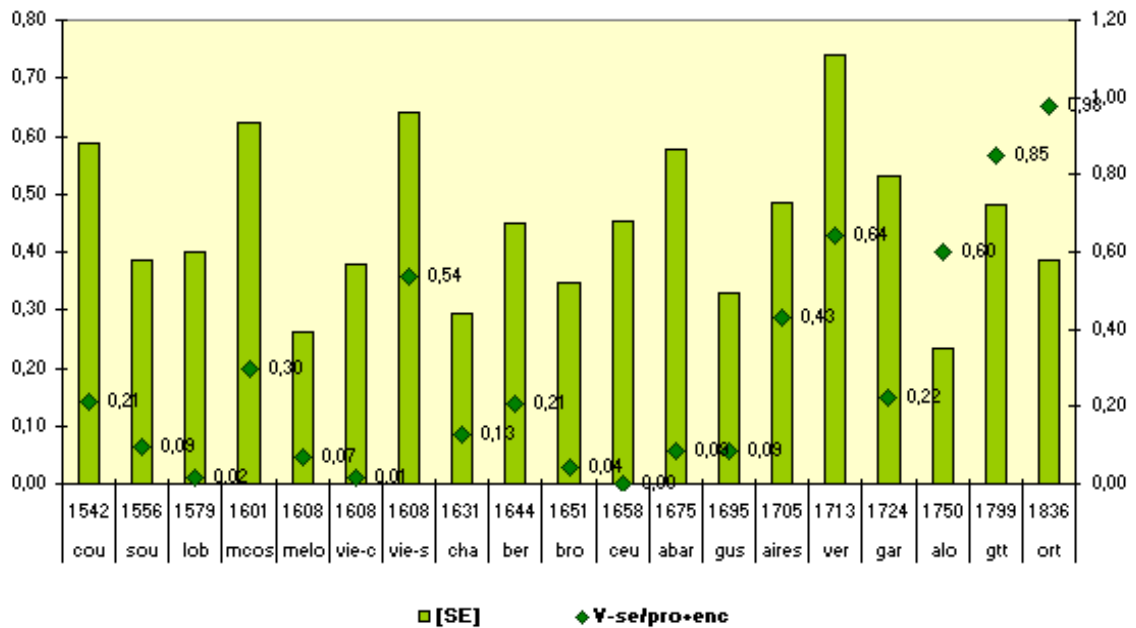
O clítico VOS:



A partir do gráfico do clítico Vos, percebe-se que Couto, Brochado, Céu, André de Barros, Aires, Verney, Alorna, Garrett e Ortigão não apresentam nenhuma ocorrência com o clítico VOS. Nos demais autores, o Vos aparece sempre em próclise, menos em Garção, que de um total de 10% possui 0,20 em ênclise. O clítico Vos, em geral se aparecer, vem em próclise durante todo o Português Clássico.

O Clítico SE:

Clítico SE: uso de SE x percentual de ênclises em Se

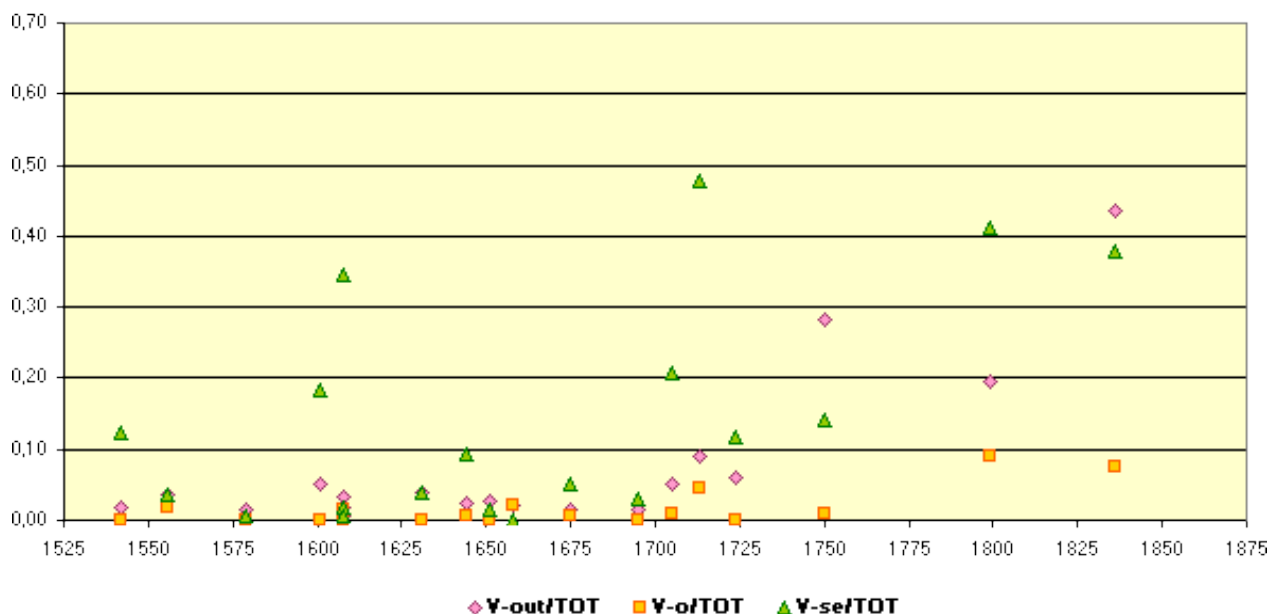


O clítico SE, sempre muito usado, puxa a ênclise em autores como M. da Costa, Vieira-S, antes do século 18. A ocorrência de próclise até esse período é mais geral. A partir de Aires-1705 aumenta sensivelmente o percentual de ênclises (Aires-0,43). Isso acontece até o início do Português Moderno, em que a mudança na ordem está fixada. Ortigão possui 0,98 de Se-s em ênclise dentro do total de dados de SE.

6. Comparação entre O/A, Outros clíticos e SE

A partir destes resultados em cada clítico isolado, resolvemos separar os clíticos em três grandes grupos: OUTROS, em que entram ME, TE, LHE(s), NOS e VOS, todos clíticos fortes, possuem uma consoante; O/A(s), clítico acusativo de terceira pessoa, clítico fonologicamente fraco, não apresenta consoante; e SE. Deste modo, no gráfico abaixo, veremos como influencia o tipo de clítico na mudança. Este agrupamento também foi feito visando a uma melhor apresentação dos resultados desta pesquisa, visto alguns clíticos serem praticamente nunca usados, como, por exemplo, o TE (22 dados).

Proporção de ênclise em outros-o/a-se em ALL

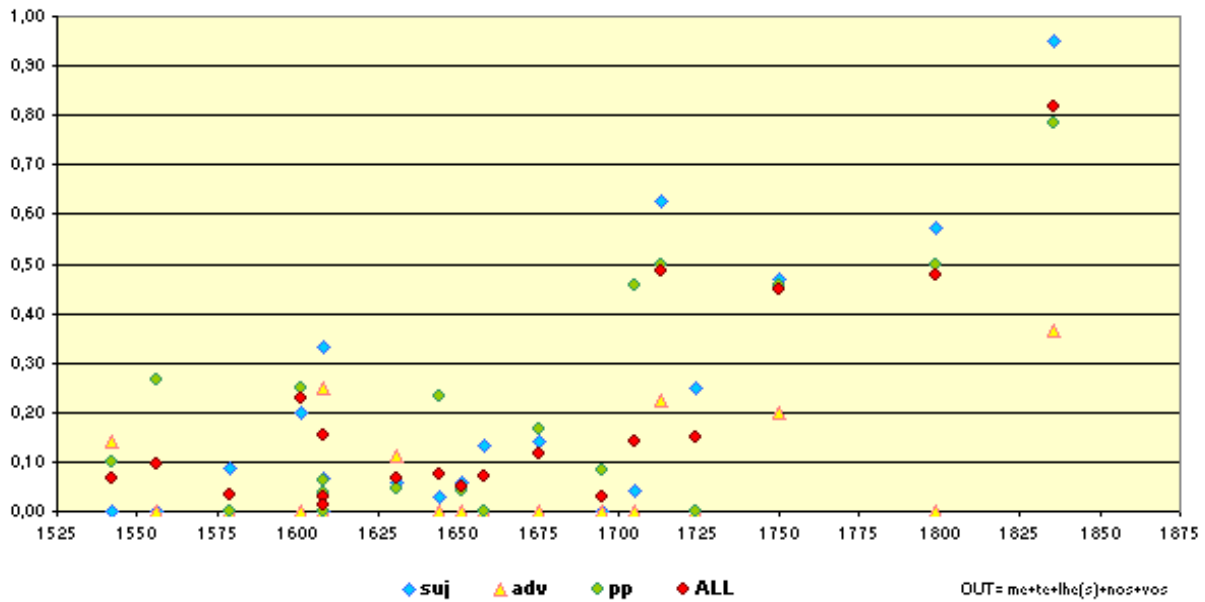


Neste gráfico, observamos que o clítico SE puxa a ênclise até o final do século 17. Os autores que apresentam mais ênclise – Couto (0,14) , M. da Costa (0,23), Vieira-S (0,39) e Bernardes (0,13) – apresentam um elevado percentual de ênclises com SE. Os outros clíticos e o O/A apresentam, nesse período, grande maioria de próclise. Já, no início do século 18, notamos que não só a ênclise aumenta, no sentido da mudança da gramática, como também que a ênclise aumenta com os OUTROS clíticos. Com exceção de Verney, que possui um alto número de casos de SE-s em ênclise, há um equilíbrio entre o Se e Outros. Isso se deve a dois fatores: o uso de OUTROS clíticos aumenta (0,35 em Aires para 0,53 em Ortigão), em ênclise e em próclise, e, o uso de SE cai um pouco (0,48 em Aires; 0,23 em Alorna; 0,39 em Ortigão). Deste modo, OUTROS passa a concorrer com o SE em relação a posição sintática, e passam também a colocação enclítica ao verbo, lugar ocupado pelo SE, antes do século 18. As ênclises com Outros aumentam, as com SE se mantêm, e, equilibra-se a ênclise entre esses clíticos.

O clítico acusativo O/A só sente a tendência à ordem enclítica quando a gramática já está instituída, a partir de Garrett-1799. Assim, o que começa a acontecer nos Outros clíticos em 1705, só atingirá o O/A, em 1799, bruscamente.

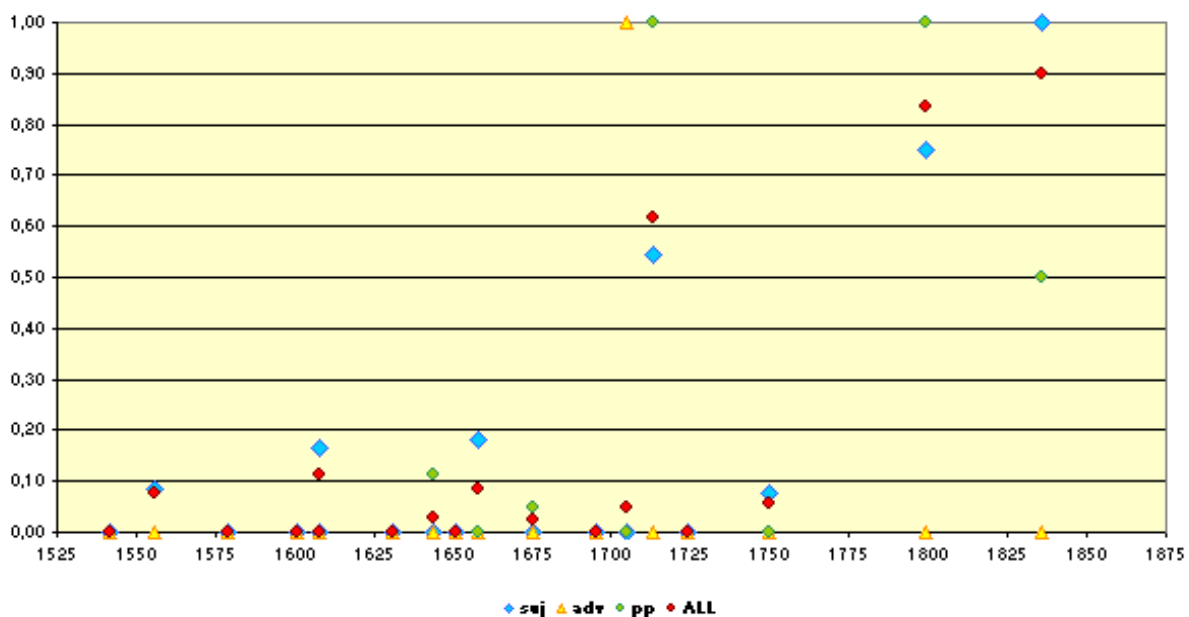
Talvez essa distância entre o aumento de ênclise em Outros e O/A se deve ao fato de que, dos ambientes de variação analisados, em Outros temos os sujeitos e PPs puxando ênclise, enquanto que em O/A só o sujeito tem força para aumentar a ênclise. Vejamos os seguintes gráficos:

Y-out/pro+enc por ambientes



Em Outros, notamos que, quando temos um sujeito ou um PP como elemento de variação, a partir de 1705, esses elementos puxam a ênclise. Observamos que os advérbios, com exceção de Garrett, que não apresenta nenhum caso de advérbios com ênclise, também apresentam aumento no percentual de ênclises, porém, mais fraco do que nos outros dois ambientes. Deste modo, mais forte em PPs e Sujeitos, menos em Advérbios, todos os ambientes de variação elevam a taxa de ênclise a partir de 1705. O que não ocorrerá em O/A, como indica o próximo gráfico.

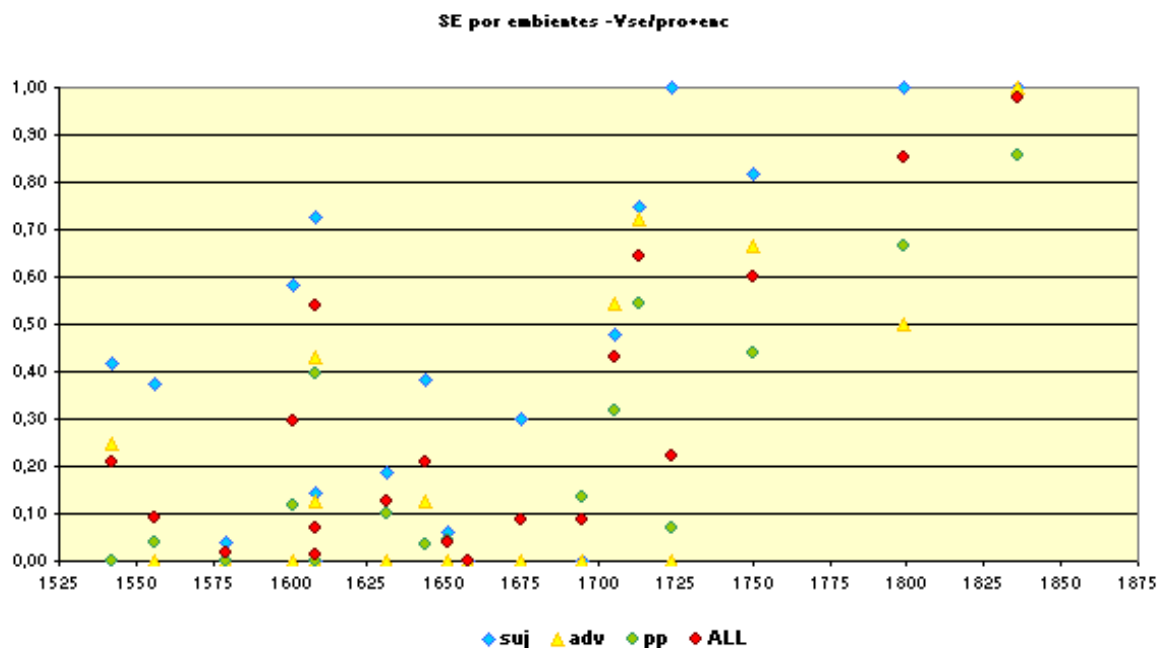
Y-o/pro+enc por ambientes



Em O/A vemos que ocorre quase sempre a próclise com este clítico até Alorna-1750.

Quando a ênclise aumenta, é devido à presença de um sujeito, em Sousa, Vieira-S e Brochado, e, de um PP, em Bernardes. Em Verney, com o clítico O/A, advérbios e PPs sempre aparecem enclíticos e os sujeitos também apresentam um grande número de ênclises 0,55. Alorna ainda apresenta pouco percentual de ênclise – 0,06 em ALL. Somente em Garrett-1799 vemos um aumento significativo no percentual de ênclises com o clítico acusativo de terceira pessoa. Garrett apresenta 0,83 de ênclise, e Ortigão 0,98, e, em ambos agora com sujeitos e PPs elevando o número de ênclises. Deste modo, no período anterior a Garrett, nenhum elemento influencia no percentual de ênclises com O/A. A partir de Garrett, representante do Português Moderno, os sujeitos e os PPs puxam a ênclise com O/A. Já nos advérbios, a próclise se mantém durante todo o período com este clítico.

Já em SE, no gráfico abaixo, observamos que, os sujeitos sempre elevam o percentual de ênclises. Entre os autores que são mais enclíticos, até o início do século 18, a ênclise com SE é elevada pela presença de um sujeito. Os PPs, nestes autores também elevam a ênclise, porém, com menor intensidade. Com advérbios temos ênclises com SE em Vieira – Cartas e Sermões – e Bernardes. Com os outros autores até 1705, só aparecem próclises com Se-s com advérbios como ambiente de variação. A partir de 1705, com menos intensidade em Garção, todos os ambientes elevam bastante a ênclise, como, por exemplo, em Alorna-1750, que apresenta 0,82 de ênclise com SE em sujeitos, 0,67 em advérbios e 0,44 em PPs.



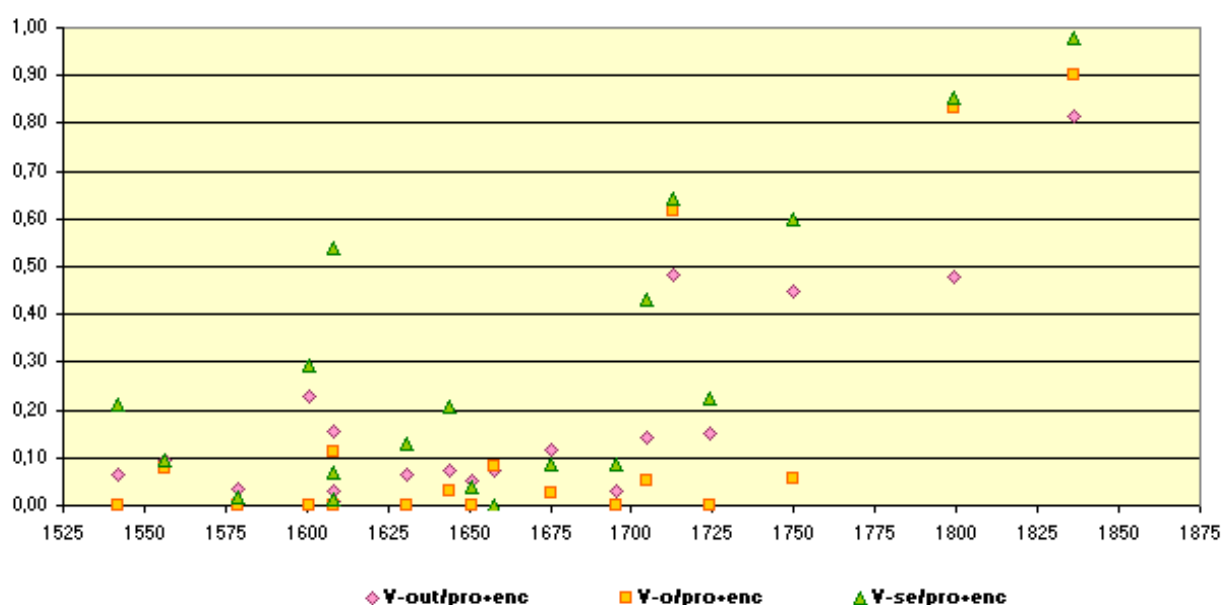
7. Conclusão

Percebemos que, ao se fazer os agrupamentos OUTROS, O/A e SE, vemos dois fatos acontecendo. A primeira, aumenta significativamente o percentual de ênclises em OUTROS e em SE, a partir do início do século 18. E, uma segunda, que só aumentará o percentual de ênclises com o clítico O/A em Garrett-1799, primeiro autor do Português Moderno. Este clítico, se mantém altamente próclítico até esta data (vide gráfico da página 13). Em Outros, notamos que, a ênclise e a próclise com estes clíticos aumenta bastante (vide gráfico em anexo). Nestes clíticos, sujeitos e os PPs aumentam as ênclises, porém, com menos intensidade do que no SE.

Enquanto Alorna-1750 tem 0,60 de uso de Se no total de dados, no próximo autor, Garrett, esse uso cai para 0,48 continua a cair no último autor do Corpus, Ortigão (0,39). Entretanto, o número de ênclises aumenta gradativamente: 0,23-0,85-0,98. Já em Outros, temos que tanto o uso quanto o percentual de ênclises aumenta. Temos um uso que sobe de 0,39 em Garção para 0,53 em Ortigão. As ênclises também sobem: 0,15 em Garção para 0,85 em Ortigão. Em Alorna-1750, que possui o maior percentual de uso de outros CL, temos 0,63 de uso e 0,45 de ênclises com outros clíticos.

A partir deste último gráfico, , vemos claramente o que estamos argumentando, analisando a proporção de ênclise, não sobre o total de dados por autor, mas sobre o total de ocorrências de cada clítico (outros, o/a e se).

Proporção de ênclises em out-o/a-se



Entre 1500 e 1700, o clítico o/a aparece quase sempre próclise. Até 1750, a ênclise é praticamente nula, com exceção de Verney (0,62), autor extremamente enclítico com todos os clíticos que usa. Assim, ela sobe, significativamente, somente em Garrett (0,83) e Ortigão (0,90), dois últimos autores do Corpus.

Antes de 1700, notamos que o Se puxa a ênclise, os autores que apresentam maior percentual de ênclises têm mais Se-s enclíticos. E a partir desta data, o se mantém-se como um clítico enclítico e esse percentual eleva-se até a consolidação da nova gramática, no século dezanove. A diferença em relação ao período anterior é que, agora, o percentual de próclies com SE cai bastante, temos 0,50 de próclises (sobre o total de próclises por autor) em Garção, 0,16 em Alorna, 0,24 em Garrett e 0,07 em Ortigão. Antes de 1700 temos um alto percentual de Se também em próclise e, deste modo, isso faz com que as ênclises aumentem na variação E/P com Se.

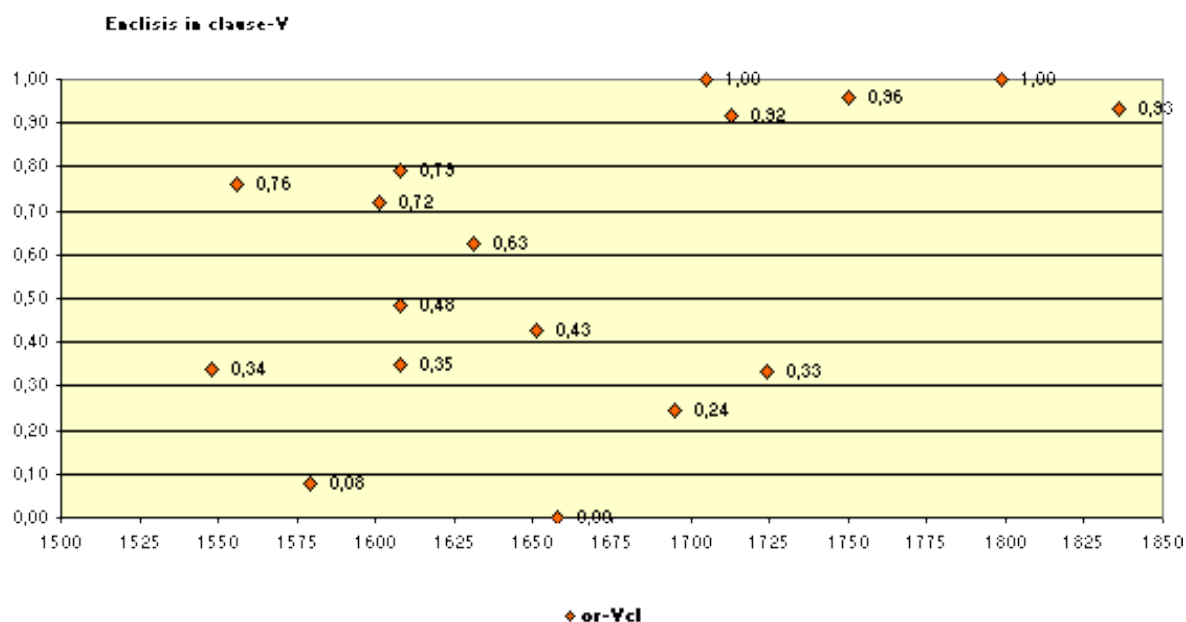
Já em Outros, temos tanto as ênclises quanto as próclises aumentando. O grupo Outros deixa de ser colocado sempre em próclise e passa a ser enclítico a partir de 1700. Deste modo, a mudança para a ênclise acontece antes da de o/a, esta que só ocorrerá com o primeiro autor

moderno, Garrett-1799.

8. Cronograma para os próximos meses

Nos próximos quatro meses, último semestre de minha graduação em Letras pela Unicamp, pretendo quantificar e analisar as sentenças contendo clíticos em orações e nas sentenças coordenadas V1. Estes dois ambientes precisam ser analisados de maneira específica. Nas orações, notamos que até 1690 temos um percentual alto de ênclises com exceção de Lobo-1579. A partir dessa data, a tendência é a um aumento ainda maior, chegando a praticamente 100%.

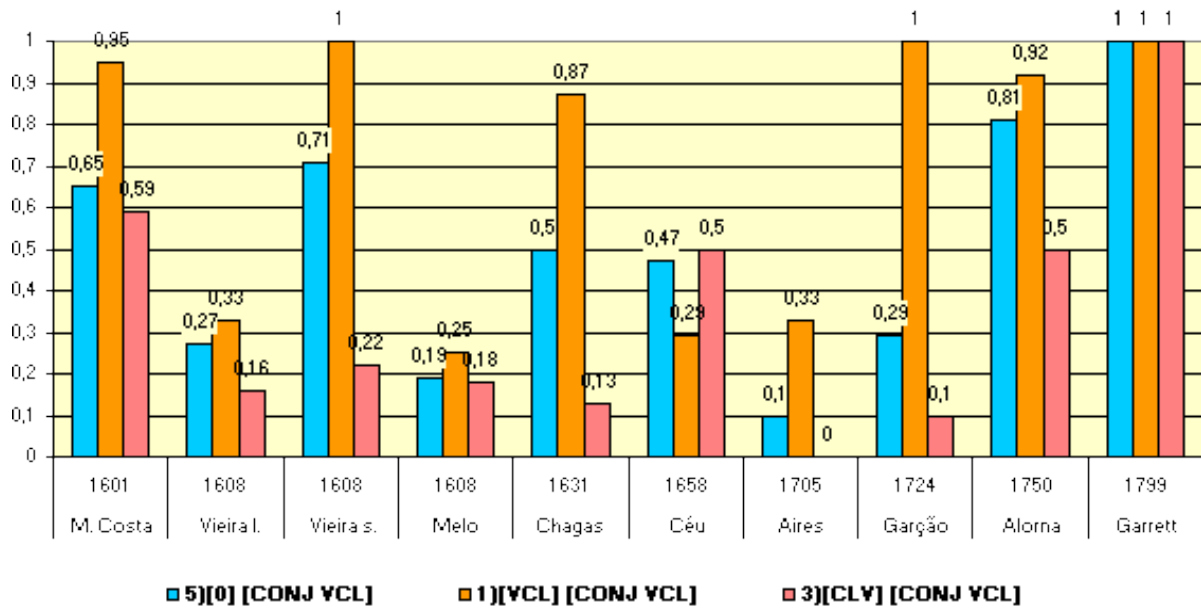
Galves, Britto & Paixão de Sousa 2002



Deste modo, observando que as orações são um ambiente diferente dos outros analisados até agora, ambiente bastante enclítico, pretendo analisar como o tipo de clítico influencia nessa ordem enclítica e singular. Alguns textos possuem os dados com orações contendo a marcação de tipo de clítico restando fazer a quantificação em tabelas.

Já nas sentenças coordenadas observamos que, a partir da pesquisa de iniciação científica de Gilcélia M. da Silva, processo FAPESP:02/02714-6, que analisa a relação entre as coordenadas e a oração imediatamente anterior (com clítico - em ênclise e em próclise, ou sem clítico). Neste tipo de sentença, se não ocorrer clítico na primeira, na coordenada temos ênclise que começa alta em 1608, cai nos próximos autores até 1724 e, a partir desta data, sobe 0,29 em Garção para 0,81 em Alorna e se mantém alto em Garrett-1799.

Coordenadas V1: ênclises em 1 coordenada sem clítico/com ênclise/com próclise



Quando ocorre ênclise na primeira, há um paralelismo com a coordenada e, assim, temos ênclise também na coordenada. Este paralelismo é evidente em autores como M. da Costa, Vieira-S e Chagas, antes de 1700, e, a partir de 1724, torna-se praticamente 100%.

Se ocorrer próclise na primeira oração, encontramos 0,59 de ênclise em M. da Costa; depois desce para a faixa dos 0,20; volta a subir para 0,50 em Céu; cai a zero em Aires e 0,10 em Garção e volta subir em Alorna e atinge 1,00 quando a gramática de ordem enclítica do Português Moderno está instituída.

Deste modo, nesta pesquisa sobre a relação entre a primeira oração e a coordenada subsequente, notamos que, em geral, as sentenças coordenadas V1 apresentam um percentual de ênclises acima do que analisamos em ALL – sujeitos, advérbios e PPs, e, quando a oração precedente apresenta ênclise, há uma forte probabilidade de que ocorra também ênclise na segunda, mostrando assim o paralelismo entre as duas orações. Este tipo de relação favorece à ênclise na sentença coordenada.

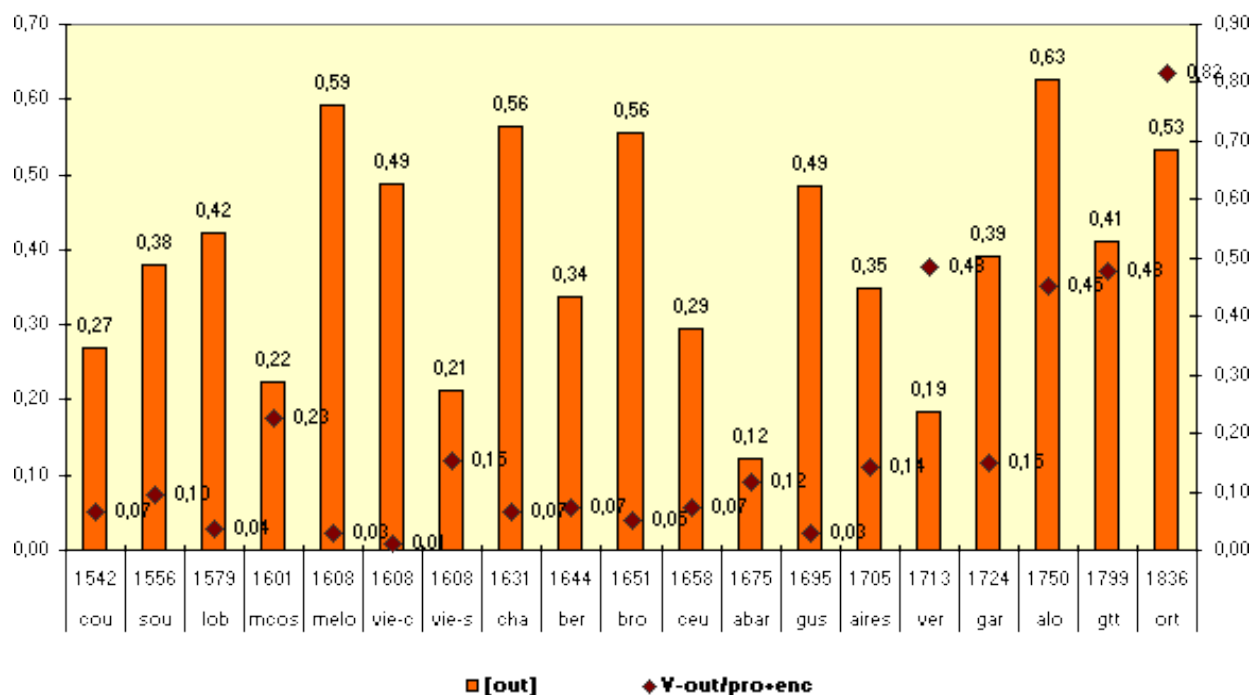
Essa pesquisa mostra claramente que as sentenças coordenadas são um ambiente mais enclítico que os demais já analisados e, agora, pretendo analisar que papel tem o tipo de clítico neste ambiente.

Orientadora: Profa. Dra. Charlotte M. C. Galves

Orientanda: Lucianne Chociay

ANEXO

Clítico Out: uso x ênclices em outros/pro+enc(out)



3. Bibliografia

BRITO, P. *Brasileirismos de Colocação de Pronomes – Resposta ao Sr. Cândido de Figueiredo.* Livraria Azevedo, Rio de Janeiro, 1908.

CHOCIAY, L. *A colocação de clíticos no teatro de Gil Vicente - Um estudo sobre os personagens*. Monografia do curso de Estudos Monográficos I orientada pela Profa. Dra. Charlotte Galves, Campinas, Unicamp, 2001.

FIGUEIREDO, C. *O Problema da Colocação de Pronomes - Suplemento às Gramáticas Portuguesas*. Juízo crítico de Gonçalves Vianna. 7º ed., Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1944.

GALVES, C. "*Clíticos e Concordância em Português*" in: *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

GALVES, C., BRITTO, H. e PAIXÃO de SOUSA. *Clitic Placement in the 17th and 18th European Portuguese Texts: First Results from the Tycho Brahe Corpus*. 2001.

GALVES, C. & ABAURRE, M. B. Marques. "Os clíticos no Português Brasileiro: Elementos para uma abordagem sintático fonológica": in *Gramática do Português Falado*, vol IV - Estudos Descritivos, Editora da Unicamp/FAPESP.

MARTINS, A. M. *Clíticos na história do Português*. Tese de doutorado, Lisboa, 1994.

NAMIUTI, C. *Interpolação no Português Clássico*. Projeto de Iniciação Científica processo FAPESP 99/09712-4, Relatório Final, 2001.

PAIXÃO de SOUSA, M. C. *O lugar das externalidades na pesquisa diacrônica gerativista: um estudo do caso*. Trabalho apresentado para exame de qualificação de mestrado, Campinas, Unicamp, 2001.

SILVEIRA, A. *Colocação dos pronomes - regras e notas explicativas*. Sem edição, sem data.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

_____ *Manual de Língua Portuguesa - Portugal-Brasil*. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.

TORRES MORAES, M. A. *Do português clássico ao português moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Campinas, UNICAMP, tese de doutorado não publicada.

[1] NAMIUTI, C. "*A interpolação no Português Clássico*", projeto de mestrado financiado pela FAPESP.

[2] Provavelmente publicado pela primeira vez no final do século 19, trabalhei com a 7º edição, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1944.

[3] Classificação de GALVES, BRITTO e PAIXÃO de SOUSA (2001).

[4] CHOCIAY, L. Monografia do curso Estudos Monográficos orientada pela Profa. Dra. Charlotte M. C. Galves, Campinas, Unicamp, 2001.